

Índice

Prefácio — Agustina: A Gramática do Mundo	7
Jóia de Família	
I. Exame Pré-Natal	29
II. Apelidos e Sobrenomes	59
III. Os Roper	89
IV. Jóia de Família	123
V. Os Sinais Simples	151
VI. Manchas no Sol	183
VII. Crime e Personalidade	215
VIII. Grandes Males	245
IX. Os Dias antes do Dilúvio	271

CAPÍTULO I

Exame Pré-Natal

Não se escreve melhor porque se escreveu muito. Às vezes, vou surpreender nas páginas antigas assinadas pelo meu punho um tom perfeito em que a imaginação ronda como uma madrinha incapaz de envelhecer e de perder a razão. A razão é a mesma, a coberto das longas provações das decepções, da experiência, de tudo.

Mas, se há um progresso na arte de escrever, ele deriva de um solitário voto de castidade, talvez. De reduzir a um simples detalhe o coração humano, fora das suas obrigações de palpitações e de vida.

Sempre me seduziu pôr em causa o mais profundo do sentimento. Como se o tempo não passasse e os costumes não mudassem. Por exemplo: pegar num jovem estudante cuja capa é traçada no ombro com independência e gosto, e levá-lo a descobrir Carlota, na sala de jantar, pelas quatro da tarde. É certo que a casa é agora um hotel privado adaptado ao turismo de habitação. Os criados estão contratados sob os auspícios da segurança social e perderam muito das suas fraquezas que Swift tão bem descreveu. São funcionários e não lacaios queixosos e cheios de manhas. Raramente são vistos senão à hora das refeições e ninguém pode dizer que é possível pedir os seus favores nas horas tuteladas pelo sindicato hoteleiro ou coisa assim. Mas têm o mesmo olhar vingativo e sonolento que avalia melhor o hóspede do que um despachante da alfândega faria.

A única novidade que foi introduzida na paisagem é um pequeno bosque de plumas brancas que dantes não estavam ali. A sua beleza demasiado fácil era causa de reprovação. Além de que eram reputa-

das como objecto de mau agoiro. Plantavam-se francicheias, cujas flores deitavam um perfume delicioso. Plantavam-se araucárias e rododendros. Mas nada de plumas, que eram tão malvistas como as penas de pavão dentro de casa. Ninguém sabe como estas lendas adquirem direitos e se transformam em regras domésticas. Mas a verdade é que são acatadas como as leis mais respeitáveis e dignas de ser obedecidas.

Naquela hora, entre as quatro e três quartos e as cinco da tarde, um rapaz de cabelos compridos, com uma camisa que parecia ter ido buscar ao baú de um avô muito antigo, saiu do seu *Jeep* cinzento e olhou para a casa com moderada expectativa. Tinha sido educado na estreita amizade com as Tartarugas Ninja e uma tranquila cena de campo só podia causar-lhe decepção. Tudo o que não fosse a grande parada da fama, e a delgada silhueta do tenista no seu campo de saibro vermelho, não lhe interessava. Deixava mesmo o cinema para os burgueses que acabariam na bancada do Parlamento a sua euforia de um mundo corrupto. A sociedade estava cada vez mais libertina, conduzida por um ideal de rapidez, de consumo e de ambição precipitada. Não se pode dizer que houvesse uma intolerância aos bons costumes, mas a fauna da noite não parecia receber bem esses rapazes grandes e bem-nascidos que às vezes apareciam nas discotecas para ficar imóveis encostados às paredes com um ar de despreendimento e contido furor. Aos dezoito anos, António Matos Clara, também conhecido por Cravo Roxo, por motivos que depois direi, desejava parecer-se com uma raça exterminadora e implacável. Era uma forma de romantismo, tanto mais que os meios de que dispunha eram escassos, se não virtuais. Tivera uma infância infeliz, ele e os irmãos. O pai, um diplomata com graves lesões do coração, tornara-se inválido sendo ainda novo e com prometedora carreira à sua frente. Sem fortuna pessoal, politicamente instável e com amigos de pouco préstimo numa corrente de opinião que não era a desfraldada pelo governo, viu-se apenas apoiado pela mulher que o amava apaixonadamente. Sem ela, não lhe teria sido possível carregar com as obrigações do cargo nem cumprir com a espinhosa missão de embaixador. Tem um cunho à Stendhal, o começo deste romance. Porque nele espreita o destino das pessoas de alta condição moral e paixões aventureiras. A fortuna não as defende, antes as torna mais vulneráveis.

O facto de António Matos Clara só ter irmãos rapazes facilitou o abandono da mãe, que os entregou a criadas de confiança sob a vigilância de amigos. Que amigos substituem pai e mãe? Mesmo assim, há quem o faça com atroz competência. E digo atroz porque há um pouco de atrocidade no amor de substituição. Deixa no coração um pouco de fel, que é imaginar o carinho perdido de pais ausentes.

António Matos Clara cresceu rodeado de conforto, sujeito ao mimo de quem dele tinha pena convertida em sentimento menos nobre que é o de visionar a união interesseira das famílias. Belos moços, tanto ele como os dois irmãos, não deixavam de significar alianças fáceis, que são aquelas em que os hábitos são condutores dos sentimentos. António era o último de três rapazes e o mais chegado à família que os adoptara, orientando-lhes os estudos e repartindo-lhes as mesadas que, muitas vezes, engrossavam com presentes abundantes. Mas o que melhor serviu o lado pecuniário dos três irmãos foram as heranças de tios e tias. A herança, essa lotaria de famílias, que ainda perdura no espaço de uma cultura de benefícios e razões cívicas e pessoais, tem grande importância para a história de uma burguesia campesina, em que se transmitem direitos como uma mensagem de mortos. Tinha morrido um dos mais velhos e mais ricos lavradores do Douro, tio de Rutinha Matos, a mãe de António. Com um desses singulares caprichos que a senilidade torna sagrados, ele destinara os bens ao sobrinho que nascesse na casa da família, casa de telhado caído, mal servida de esgotos mas iluminada a néon nas cozinhas e nos lagares. Era uma grande propriedade que merecia um nome heráldico que não tinha. Dizia-se que Rutinha, sabedora da cláusula do testamento do tio Matos de Albergaria, grávida do terceiro filho, se instalara na casa como hóspede interessante, como o seu estado a descrevia. Não faltaram críticas e más-línguas. A criança nasceu fadada com uma fortuna grandiosa. «Ande eu quente, ria-se a gente» — disse Rutinha Matos Clara, que, debaixo da pele de porcelana, tinha uns nervos de cão de fila. O filho ficava rico e a quinta do Salto pertencia-lhe por direito porque o velho Albergaria não tinha descendentes directos. Era um lugar alto e de onde se via a concha da Régua, com o que fora o antigo vale de Godim, um dos mais belos do mundo, abraçado por montanhas onde brilhavam lugares e casões de quintas. Ao fundo desfilavam os comboios de portinholas

verdes com os números que correspondiam à classe escritos a tinta amarela. Os intermináveis «mercadorias» saíam do túnel da Régua com o seu matraquear dos vagões abertos carregados de pipas. Ouvia-se, muito claro, o ranger dos engates obedecendo aos travões. E parecia que a fita dos vagões se ia desconjuntar e deixar na via-férrea um desacato de pranchas e barris rolados. Ouvia-se o apito da locomotiva, estridente sobre todos os outros ruídos.

Rutinha Matos Clara não podia qualificar-se inteiramente de ambiciosa descarada. Optou por demorar uma visita que fez ao padrinho e tio Albergaria e viveu com ele três meses contados. Pareceu-lhe, além de tudo, que o retiro resolvia o seu desgosto em perder a linha quando ela lhe era tão precisa no posto de embaixatriz. Posto que não foi duradouro, porque a saúde de Manuel Clara se deteriorou e ele teve que reformar-se dedicando-se ao maior gosto da sua vida, que era a arqueologia. No Zimbabué, onde Manuel Clara estava, uma mulher tinha poucas probabilidades de ser mais bem apreciada do que um saco de farinha. Deixou-se pois estar na quinta do Salto da Senhora, comendo romãs e indo para as matas calcar ouriços para lhes extrair as castanhas meio verdes. Isto por puro aborrecimento. Valeria a pena tanto sacrifício para dotar um filho acima dos outros irmãos? Com seis meses de barriga, Rutinha não se fechava em casa, mas também não a levavam muito longe as saudades que tinha do marido. Fora um casamento de amor, o dela com um rapaz meio pobre mas destemido como um rafeiro de ciganos. Pertencia a essa classe de gente de província para quem o dinheiro é uma espécie de apelo para causas que o desmintam. Formou-se em Direito mas recusou a magistratura como uma honra caricata. Com a ajuda dos Matos Albergaria entrou na diplomacia e saiu-se bastante bem numa carreira que, desde o início, lhe pareceu morosa e falta de filosofia. A doença, um aperto mitral que o devia vitimar cedo, impediu que se tornasse conhecido pelos seus defeitos, que eram, sobretudo, a dissimulação e a inveja. Mas para Rutinha ele era perfeito, inteligente e conforme o ideal dos soberanos contemplados pela ideologia de Augusto César: a clemência e a justiça, a coragem e a piedade. Muito diferente dessa virtude sonhada era a realidade desse marido fraco e zombeteiro, com um apetite devorador por tudo quanto fosse a imaginação da fortuna.

O que predominava na história dos Albergaria era um antigo lavrador que nutria pela grandeza uma espécie de religiosidade. Era alto e desconjuntado e tinha feras em casa com que assustava sobretudo as mulheres dos amigos. Quando morreu, pediu que levassem o caixão em volta da propriedade que ficou conhecida por *Passeio do Deitado*, depois corrompido para *Danado*, o que melhor convinha ao compasso da filosofia popular. Como sempre acontece com personagens deste tipo, a ficção apoderou-se da realidade a ponto de lhe destruir o melhor das suas provas. Dizia-se, por exemplo, que o Deitado, ou o Albergaria do Salto, dormia com um edredão de penugem de perdiz, que durou muitos anos, a ponto de Rutinha ainda o ter conhecido. Ela, Rutinha, recebera os genes da extravagância dos Albergaria, moderados pelo conselho cristão, que os fazia virtudes de paróquia. Era tão ambiciosa quanto discreta. Esteve três meses no exílio do Salto, a comer castanhas e presunto de Lamego, para que o filho nascesse rico. Tinha ela sete anos de casamento de amor, o que equivale a trinta de desejos frustrados. Transformava os vestidos numa modista de pátio e virava o feltro dos chapéus, mudando as fitas das *cloches* como quem muda os pratos de um jantar: por questão de etiqueta e não de modas. Abeiravam-se dela as amigas, Lou em primeiro lugar. Era uma rapariga estouvada e de coração leal. Disse-lhe:

— E se o parto corre mal? Não conheço outra que vá para a aldeia deitar-se nas camas onde morreu gente para ter um filho. És mesmo tarada.

Rutinha não falava do testamento do Albergaria, que tinha pouco mais de cinquenta anos e podia casar ainda, anulando a cláusula da herança. Ela ia à capela pôr flores.

— Meu Santo António dos Olivais, não lhe dê ideias dessas. Fá-lo antes comilão e tratador de vinhos. Quem te deu fama de casamenteiro lá irá para onde o paga. Não te bastavam os sermões e bater nos ricos?

O santo, pequenino e roliço no altar com dourados, parecia comover-se. E dizer-lhe que não se afligisse, que a criança merecia sossego no seu ventre e bom futuro bancário. Ela saía dali consolada, mas a desolação da tarde entrava-lhe nas veias como se fosse morrer com o sol-posto que, do cimo dos montes, parecia cavar a terra como um

meteoro incendiado. Era um lugar que, ao escurecer, caía no esquecimento dos homens. Os homens, para ela, eram o marido e o seu gabinete no Zimbabué, onde rufavam as ventoinhas. Exactamente, o formoso Manuel Clara, que das precárias situações que suportara na carreira diplomática transitara para a aventura africana, o ouro sobretudo, que era ainda chamada dos portugueses, escrevia-lhe: «Minha querida Rute, você está sentada numa mina de diamantes, deixe-se estar. Eu peneiro as escórias do ouro e hei-de tornar-me rico, dê para onde der. Isto aqui confunde-me e faz-me triste. Quem me dera ter vivido no século x e ter uma frota em Sofala. Trate de si, coma bastante fruta e beba água de mina. Tenho saudades dos seus pezinhos na cama e do dente torto que lhe faz o sorriso fantástico, como o de uma filha do Drácula.»

A carta estendia-se em discurso meio delirante, abastecido de informações arqueológicas. Rutinha desesperava-se e fazia-se aliada do príncipe Shaka Zulu, que contribuía para o saque do Zimbabué em 1830. Amava o marido até sentir uma pancada no estômago, como quem desce depressa num ascensor. Fenómeno extraordinário, sem prazer algum. Manuel Clara era muito belo, dessa beleza indiscutível e rara que Oscar Wilde chamou divina. Os pretos de Dhlo-Dhlo e de Nyanga, onde Clara rondava as velhas ruínas, obedeciam-lhe cegamente. Achavam-no ligado às lendas remotas do Zimbabué e com os seus cabelos de um louro vermelho parecia-lhes polvilhado de ouro. Além disso, Clara era espirituoso quanto o pode ser um homem que tem sonhos de grandeza desses que fazem com que se construam acrópoles no mundo. Mas durou pouco uma tal disposição. A bebida e a nostalgia dos vales africanos destruíram-lhe a beleza e as aspirações.

Rutinha deu à luz em Janeiro mais um rapazinho que prometia ter a excelente figura do pai. Deixou-o ao cuidado da governanta e da ama no Porto e partiu, ainda mal refeita do parto, para Moçambique, onde se lhe reuniu o marido idolatrado cuja insensatez ela compartilhava. Mas, por uma espécie de precaução, Rutinha deixava os filhos, porque os queria criados ao abrigo de acidentes fatais. Funcionário do Estado, depois soba pobre de muitos hectares de terras em que julgava abundarem o marfim e o ouro, Manuel Clara, se não fosse a sua tendência alcoólica que o embruteceu antes dos quarenta anos,